

Transformações e permanências do homem-pai no cuidado ao recém-nascido, no alojamento conjunto

Transformations and permanence of the man-father in the care of the newborn, in rooming-in

Transformaciones y permanencia del hombre-padre en el cuidado del recién nacido, en el alojamiento conjunto

Recebido: 07/03/2023 | Revisado: 16/03/2023 | Aceitado: 17/03/2023 | Publicado: 23/03/2023

Cristiane Vanessa da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6175-6392>
Instituto Fernandes Figueira Fiocruz, Brasil
E-mail: cvsilva05@gmail.com

Katlen Susane da Silva Olivo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2250-0765>
Instituto Fernandes Figueira Fiocruz, Brasil
E-mail: katlen2olivo@gmail.com

Fernanda de Sá Coelho Pio Alcântara

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9492-3142>
Instituto Fernandes Figueira Fiocruz, Brasil
E-mail: Fernanda.unirio@gmail.com

Cleydson Assis Coelho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1277-5148>
Instituto Fernandes Figueira Fiocruz, Brasil
E-mail: cleydson.coelho@gmail.com

Danielle Menezes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2591-4197>
Instituto Fernandes Figueira Fiocruz, Brasil
E-mail: dmsenf24@gmail.com

Camilla Santos de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2687-2248>
Instituto Fernandes Figueira Fiocruz, Brasil
E-mail: camillaoliveira.enf@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo foi reconhecer as transformações e permanências do homem-pai no cuidado ao recém-nascido, no alojamento conjunto. Foi realizado um estudo descritivo, qualitativo com 15 homens-pais que acompanhavam suas parceiras no alojamento conjunto de uma maternidade do município do Rio de Janeiro. As entrevistas semiestruturadas ocorreram em outubro e novembro de 2022. Utilizou-se a técnica de análise temática. Resultados: A participação nos cuidados diários, na amamentação e o estreitamento dos laços afetivos foram pontuados como transformações do homem-pai. O foco da assistência centrado na mãe, e algumas controvérsias legais foram consideradas permanências desfavoráveis a paternidade ativa. Conclusão: os profissionais de saúde precisam acolher e incluir o pai no cuidado dos filhos, contribuindo para quebra de estereótipos e mudança de paradigma social em relação a paternidade corresponsável.

Palavras-chave: Paternidade; Homem-pai; Cuidado ao recém-nascido.

Abstract

The objective of this study was to recognize the changes and continuities of the father's role in caring for newborns in rooming-in care. A descriptive qualitative study was conducted with 15 fathers who accompanied their partners in a rooming-in unit of a maternity hospital in the city of Rio de Janeiro. Semi-structured interviews were conducted in October and November of 2022 and thematic analysis was employed. Results indicate that daily care participation, involvement in breastfeeding, and the strengthening of affective ties were identified as changes in the father's role. The focus of care centered on the mother and some legal controversies were identified as unfavorable continuities that hinder active fatherhood. Conclusion: Healthcare professionals should acknowledge and include fathers in the care of their children, contributing to breaking stereotypes and changing social paradigms regarding responsible fatherhood.

Keywords: Fatherhood; Man-father; Newborn care.

Resumen

El objetivo de este estudio fue reconocer las transformaciones y permanencias del rol del padre en el cuidado de los recién nacidos en el alojamiento conjunto. Se realizó un estudio descriptivo y cualitativo con 15 padres que acompañaban a sus parejas en el alojamiento conjunto de una maternidad en la ciudad de Río de Janeiro. Las entrevistas semiestructuradas se llevaron a cabo en octubre y noviembre de 2022 y se utilizó el análisis temático. Los resultados indican que la participación en los cuidados diarios, la implicación en la lactancia materna y el fortalecimiento de los lazos afectivos se identificaron como transformaciones del rol del padre. El enfoque en la atención centrado en la madre y algunas controversias legales se identificaron como permanencias desfavorables que obstaculizan la paternidad activa. Conclusión: Los profesionales sanitarios deben reconocer e incluir a los padres en el cuidado de sus hijos, contribuyendo a romper estereotipos y cambiar los paradigmas sociales en relación a la paternidad responsable.

Palabras clave: Paternidad; Hombre- padre; Cuidado del recién nacido.

1. Introdução

O papel do homem-pai ocidental contemporâneo vem sendo ressignificado ao longo das últimas décadas. Esse processo de constantes transformações e reconstruções, reflexo dos novos conceitos de família, remodelam o que antes chamávamos de pai provedor, para o que atualmente almejamos: o homem-pai corresponsável pela reprodução e criação de sua prole (Brandão, *et al.*, 2021).

Esse novo padrão paterno, exige atitudes proativas de afetividade que se materializam na prática de cuidados introduzidas na relação entre pais e filhos. Para essa transformação de paradigma, são necessários conhecimentos acerca dos cuidados básicos com as crianças, com intuito de que o homem-pai possa desenvolver esse papel com autonomia e segurança, beneficiando o desenvolvimento biopsicossocial dos filhos (Dal-Rosso *et al.*, 2019).

A emergência de um novo ideal de pai foi impulsionada pelas transformações nas relações de gênero e a busca pela equidade dos papéis femininos e masculinos na sociedade. Assim, a paternidade não se restringe à disciplina e ao provimento de recursos financeiros, mas ao envolvimento nos cuidados diários, desde a fase de bebê, atravessando a vida escolar. A relação é baseada não na obrigação, mas no compromisso relacionado à ordem dos desejos e na dinâmica dos direitos (Matos & Magalhães, 2019).

No âmbito das políticas públicas de saúde, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH - Portaria GM/MS nº1944, de 27 de agosto de 2009) valoriza e legitima o novo conceito de pai. Através do eixo Paternidade e Cuidado, incentiva a presença de homens acompanhando suas parceiras nas consultas de pré-natal, fato que favorece a entrada desses sujeitos nos serviços de saúde e potencializa o momento de promoção do autocuidado e educação em saúde (Pereira, Klein & Meyer, 2019). Outros instrumentos legais como a lei do acompanhante (Lei Federal nº 11.108, de 07 de abril de 2005), licença adotante (Lei de nº 13.109/2015), licença paternidade (artigos 7º, inciso XIX, e art. 10, CF/88) e Estatuto da criança e do adolescente (Lei de nº 8.069/90) corroboram para a participação do pai no desenvolvimento infantil.

O exercício da paternidade ativa deve ser implementado pelos serviços de saúde como estratégia da PNAISH para que os direitos dos homens sejam garantidos. Serviços como a estratégia de saúde da família, consulta pré-natal e alojamento conjunto destacam-se como ambientes propícios ao desenvolvimento de ações socioeducativas com caráter de acolhimento e inclusão do homem no cuidado com seus filhos. A qualificação profissional é um importante pilar para efetivação dessas medidas, uma vez que a rede de atenção básica ainda conta com um acolhimento pouco atrativo ou ausente, fato desagregador a participação dos homens em ações de saúde (França, *et al.*, 2021).

O presente artigo explora o alojamento conjunto como um ambiente dentro das maternidades com potencial para educação prática em saúde, favorecendo a aquisição de habilidades e conhecimentos acerca dos cuidados com o recém-nascido. Nesse contexto, a equipe multiprofissional, sobretudo a equipe de enfermagem, que acompanha o trinômio 24 horas por dia, deve atuar de modo a incluir o pai no cuidado tanto com o recém-nascido quanto com a mãe, participando da quebra de estereótipos de gênero e transformando o homem em coautor do cuidado (Alcântara, *et al.*, 2021).

A partir das vivências dos homens que acompanham suas parceiras no alojamento conjunto, percebe-se um movimento masculino em direção a realização dos cuidados rotineiros com o recém-nascido, um anseio em se fazerem presentes. Nesse sentido, o estudo se propõe a levantar as mudanças no comportamento dos homens em relação ao cuidado com seus filhos, bem como identificar possíveis entraves na transformação para paternidade ativa. Foi considerado “transformações”, as mudanças no papel do homem-pai, assim como “permanências”, os entraves que prendem o homem ao papel de espectador do cuidado materno.

Desse modo o artigo explora como objeto de estudo as transformações e permanências do homem -pai no cuidado ao recém-nascido, no alojamento conjunto, perseguindo a questão norteadora: Como o homem-pai participa no cuidado ao recém-nascido, no alojamento conjunto?

O objetivo da investigação foi reconhecer as transformações e permanências do homem-pai no cuidado ao recém-nascido, no alojamento conjunto.

2. Metodologia

Estudo descritivo, qualitativo, estruturado segundo o Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Studies (COREQ). O fenômeno estudado foram as transformações e permanências do homem-pai, no cuidado ao recém-nascido, no alojamento conjunto. A abordagem qualitativa permitiu incorporar significados e intencionalidades aos atos, às relações e às estruturas sociais, consideradas construções humanas significativas (Minayo, 2014).

A amostra foi obtida por conveniência, tendo como participantes homens-pais que estavam acompanhando suas parceiras no alojamento conjunto de uma maternidade do município do Rio de Janeiro. Os critérios de inclusão foram: homens com idade maior ou igual a 18 anos, pai biológico ou não do recém-nascido e que estivessem acompanhando a parceira no alojamento conjunto. A exclusão foi definida por: não falar o idioma português, estar passando por problemas emocionais ou em tratamento para depressão.

Foram abordados 21 homens-pais, 15 deles aceitaram o convite para participação. As recusas foram motivadas por compromissos de trabalho e timidez. As entrevistas ocorreram face a face, individual e privativa, na sala de atendimento do alojamento conjunto, respeitando os protocolos de segurança para COVID-19.

As entrevistas semiestruturadas duraram em média 15 minutos e ocorreram no período de outubro a novembro de 2022. Utilizou-se instrumento com perguntas fechadas, que delimitou o perfil social dos participantes, e um conjunto de perguntas abertas, que exploraram as vivências do homem-pai no alojamento conjunto, gravadas em formato MP4, transcritas na íntegra, codificadas por um sistema alfanumérico, cuja letra P representava o participante, acrescido de um número, conforme a sequência de realização.

A coleta foi encerrada quando os padrões narrativos saturaram, ou seja, quando nenhum elemento novo foi descoberto, chegando-se a um padrão que permitiu estabelecer uma validação do conjunto de dados (Nascimento, et al., 2018).

Utilizou-se análise temática (Minayo, 2014), reflexiva e crítica acerca do fenômeno estudado. Foi realizada leitura minuciosa dos dados; identificação, por colorimetria, dos temas relevantes; destaque das citações representativas; agrupamento dos temas em unidades temáticas e categorização: “Transformações do homem-pai no cuidado ao recém-nascido” e “Permanências na participação do homem-pai no cuidado ao recém-nascido”.

A pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição cenário do estudo e todos os preceitos éticos foram resguardados sob o CAAE: 60400122.0.0000.5269. Antes da entrevista, explicou-se a proposta da pesquisa, o direito ao anonimato, sigilo e solicitação de gravação. A anuência da pesquisa foi obtida mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma cópia com o participante.

3. Resultados

A pesquisa reuniu 15 homens-pais cuja idade variou entre 20 e 64 anos, sendo que 10 entrevistados (67%) tinham de 20-34, quatro (27%) tinham de 35- 49, e um (7%) tinha de 50-64. Quanto a raça, autodeclarada, sete entrevistados (47%) responderam branca, seis (40%) parda, dois (13%) negra. No que se refere à escolaridade, cinco (33%) possuíam ensino médio completo, quatro (27%) ensino médio incompleto, dois (13%) ensino fundamental completo, dois (13%) ensino superior completo, um (7%) possuía ensino fundamental incompleto e um (7%) possuía mestrado. Em relação ao estado civil, nove pais (60%) relataram estar em união estável e seis (40%) são solteiros. Em relação à ocupação, sete (47%) relataram estar empregados formalmente, oito (53%) relataram fazer parte do trabalho informal. Ocupações como: pedreiro, pintor, porteiro, revendedor, motoboy, frentista, autônomo, militar e programador foram citadas.

Em relação ao número de filhos, nove (60%) não possuíam filhos anteriores, um (7%) possuíam somente um filho anterior e cinco (33%) tinham dois filhos anteriores. P9 foi pai de gêmeos. Do total de 16 RNs, onze (69%) eram do sexo feminino e cinco (31%) eram do sexo masculino. Foi identificado que 12 pais (80%) acompanharam suas esposas nas primeiras horas após o parto.

Os dados qualitativos foram expressos em 31 temas, agrupados em duas unidades temáticas (Transformações e Permanências), as quais foram categorizadas e expressas pelas falas dos participantes:

Categoria 1- Transformações do homem-pai no cuidado ao recém-nascido

Nessa categoria relatamos os comportamentos paternos que demonstram uma mudança na relação com os filhos, apresentando um novo perfil de homem-pai, aquele que realiza cuidados rotineiros como: banho, troca de fraldas, colo e auxílio na amamentação:

“No primeiro dia, que ela estava sentindo muita dor, eu que peguei primeiro no colo. Troco fralda, revezo. Ela está na cama, quando ele chora, eu que levo, para ela não ter que ficar subindo e descendo da cama. Quem deu banho hoje foi eu!” (P2)

“Ajudo em tudo, trocar fralda, mamar, tomar banho. Não sei nem explicar essa sensação. Uma sensação muito boa, maravilhosa. Primeira experiência!” (P3)

“Eles deixam a gente com nossos filhos, nunca separou, deixa bem perto do seu filho. Essa atitude aproxima mais com meu filho. Estou toda hora com ele.” (P15)

“com a assistência das enfermeiras eu aprendi, eu não sabia nada. Aprendi a trocar a fralda, limpar elezinho. Demos o primeiro banho hoje, tudo pela primeira vez. Elas fazem e ensinam você e depois você faz sozinho.” (P5)

“Acompanhei... para ter mais afeto com ela, ficar mais próximo. Estou participando do cuidado, como dar banho, como trocar de roupa, como limpar ela, quase tudo. A enfermeira que orientou.” (P6)

“É uma responsabilidade. A parentalidade convém de mãe e pai, então acho que cabe ao pai fazer tudo o que a mãe faz também.” (P7)

“Participo na troca; na higienização; na amamentação, ajudo um pouquinho, um consegui pegar hoje o outro não pegou... ver temperatura, limpar o umbiguinho.” (P9)

“Aprendi bastante coisa, troquei fralda, não dei banho ainda né, a Enfermeira que dá no primeiro dia, mas troquei fralda, botei para mamar, botei para arrotar, e aprendi algumas coisas que eu já sabia.” (P10)

“Tento participar de todas as atividades. É minha esposa, está com uma certa dificuldade na amamentação, estamos tendo que fazer translactação, acho que é esse o nome, tento ajudar, seguro o copinho, tento repassar as dicas que eu ouço da posição, troco fralda, participo do banho. Quando ela acorda de noite, acalmo ela, dividir a noite mal

dormida com minha esposa ao invés de ser só ela.” (P11)

Categoria 2- Permanências na participação do homem-pai no cuidado ao recém-nascido

Reunimos indícios que a paternidade ainda encontra entraves limitadores do seu exercício, tanto pelas questões do trabalho, bem como pela assistência e acolhimento prestados durante o ciclo gravídico puerperal:

“Como é o primeiro filho a gente não sabe de nada ainda... se lá no Pré-natal a gente já tivesse esse aprendizado, para na hora que chegar, já ter uma noção, como se fosse um curso... Estar mais nas consultas, ensinar mais no pré-natal.” (P1)

“Se tivesse um cursinho estaria mais preparado... Dar mais atenção.” (P4)

“eu acho que um, sei lá, um treinamento, uma coisa explicando melhor para o pai, entendeu? Eu sou pai de primeira viagem então não sei muita coisa.” (P13)

“Não tive nenhum tipo de instrução, nem nada do tipo para poder exercer minha parentalidade... a gente tem recebido as orientações das enfermeiras, sempre muito atentas as questões do banho, questão da troca, os primeiros cuidados.” (P7)

“Não tem nada relacionado a mim, é sempre ligado a ela e não a mim. Só hoje quando fui dar banho uma pessoa ficou auxiliando. Deveria ter uma proatividade por parte da equipe, de falar o que eu posso, ainda mais nas primeiras 24 horas, que ela estava com muita dor, né. Eu tive que ajudar, mas, não sei, ninguém falou isso comigo, o que eu poderia fazer, fui pela minha intuição mesmo.” (P2)

“Realmente focam muito na mãe, por motivos óbvios, tradicionalmente é sempre mais ativa na criação, pelo menos comigo foi assim e vou tentar mudar um pouquinho isso.” (P5)

“Para o pai não, para a mãe sim. Para a gente elas não passam muita coisa.” (P12)

“Acho que a gente precisa é parar de enxergar a criação de uma criança como exclusivamente feminino, isso não se passa só no hospital, mas acho que o ambiente de trabalho tem que ser modificado para os homens, tem que ser modificado na expectativa de que eles vão exercer uma paternidade. Vai ser custosa no tempo, dinheiro, preocupação, energia. Eu tenho a sorte de ter uma licença paternidade no Brasil de 20 dias, o padrão CLT, se não me engano são 4-5 dias, que seria se bobear, a gente vai ficar no alojamento mais tempo do que isso para acertar a amamentação, minha esposa está contando com minha presença aqui, ela não quer ficar sozinha aqui. Imagina um pai que não dispõe desse tempo, não dispõe dessa segurança, a gente tem que evoluir como sociedade em muitos aspectos para incluir o homem, então o primeiro passo é a cabeça de que é necessário mais os homens e depois fazer as modificações no ambiente de trabalho, principalmente no ambiente de trabalho, para que o papel ativo dos homens seja cobrado, mas ao mesmo tempo viabilizado.” (P11)

4. Discussão

A população do estudo caracterizou-se predominantemente por adultos jovens, não brancos, com ensino médio completo, inseridos no mercado informal, em união estável e vivenciando a paternidade pela primeira vez. Esses homens, em sua maioria, acompanharam o ciclo gravídico-puerperal de suas parceiras e seus discursos não focaram na diferença de sexo dos filhos como algo que pudesse interferir no cuidado prestado. Tal representação mostra que os homens contemporâneos, que vivenciam a primeira paternidade, independente dos níveis educacionais e sociais, desejam manter uma paternidade ativa, rompendo com o paradigma do pai provedor. Mesmo os mais maduros, com filhos anteriores, se dispuseram a aprender e experienciar a paternidade de forma ativa.

Essa mudança de comportamento é relevante, pois segundo Lima et al., (2021), a construção da masculinidade brasileira é diretamente influenciada por condições sociopolíticas, econômicas e culturais, em que o estímulo pelo cuidado é incipiente e marcado por grandes desafios, evidenciando vulnerabilidades em diferentes perspectivas que envolvem o reconhecimento e a responsabilização paterna, assim como as mudanças em papéis de gênero e a formação dos arranjos familiares.

Nesse contexto, ressaltamos a participação de 80% dos homens-pais durante o ciclo gravídico puerperal. Alcântara *et al.*, (2021) considera que o pai deve participar da vida de seus filhos assim que ele toma conhecimento de sua existência. Envolvê-lo nas atividades de acompanhamento da gravidez e inseri-lo no plano de orientações para a chegada do bebê, não é apenas de grande importância para a criação do vínculo dos pais com seus filhos, mas também forma um apoiador das políticas de atenção à saúde da criança.

A participação do pai no pré-natal e parto auxilia não só na formação do vínculo com a criança, mas também no papel de companheiro, transmitindo segurança e apoio à mulher. A forma como a paternidade é entendida está em transformação, e a participação do pai no contexto gravídico e de parturição encontra-se em construção, fato que reflete nas mudanças de comportamento dos homens e nos novos modelos de masculinidade (Lima, *et al.*, 2021).

No eixo das transformações, as falas masculinas apresentadas nesse estudo revelam o interesse dos pais em exercer os cuidados rotineiros como: banho, troca de fralda, limpeza do coto umbilical, auxílio a amamentação, conforto do colo, pontuando o aprendizado recebido pela equipe de enfermagem no alojamento conjunto.

O exercício da prática de cuidados nos primeiros momentos de vida do recém-nascido, são fundamentais para o estabelecimento do vínculo pai-bebê, permitindo ao homem ocupar seu lugar no grupo familiar, minimizando o sentimento de exclusão e ressignificando a postura paterna. Um posicionamento mais permissivo da mãe, facilita a aproximação paterna, contribuindo positivamente para formações de laços afetivos que repercutirão para toda a vida (Freitas, *et al.*, 2021).

A participação nos cuidados com o recém-nascido irá repercutir no modo de perceber e vivenciar as relações de gênero, para o homem, para a vida de suas parceiras, para seus filhos e futuras gerações. Refletirá no desenvolvimento emocional e intelectual da criança, a partir de reflexões e experiências que propiciem e estimulem a equidade de gênero, e a igualdade na realização de tarefas domésticas e coparentalidade (Mello, *et al.*, 2020).

Um ponto importante para mudança de paradigma em relação a paternidade, foi o reconhecimento do homem-pai quanto a importância de seu envolvimento nas questões da amamentação. Os resultados mostraram homens sensíveis ao processo de amamentação, compreendendo essa ação em sua magnitude e não somente no ato de sucção do recém-nascido. Assim buscaram auxiliar suas parceiras como puderam, seja levando e trazendo o bebê do berço ao colo da mãe, auxiliando na posição de pega ou no uso do complemento ou mesmo estando ao lado, fornecendo apoio emocional.

Historicamente, a amamentação, por ser fisiologicamente feminina, é considerada pela sociedade como uma responsabilidade exclusivamente materna, o que desloca e exclui o homem do processo. No entanto, é essencial que o pai seja embestado de conhecimentos acerca da lactação, tornando-se o maior incentivador dessa prática. Ter o apoio do parceiro contribuirá para que a mulher se sinta emocionalmente segura, já que o pai também terá recebido orientações sobre o manejo da amamentação, podendo auxiliar a parceira, lembrando instruções recebidas no alojamento conjunto. Esse envolvimento aproxima o casal, favorece o bem-estar de mãe e filho, além de corroborar para o sucesso da amamentação (Sousa, *et al.*, 2020).

Os relatos evidenciaram um reconhecimento da dor materna em função do parto cirúrgico e uma preocupação em dividir as responsabilidades do cuidado com a parceira em recuperação. A parentalidade foi reconhecida como uma responsabilidade pertencente à mãe e ao pai. Quando o homem se mostra acessível a realizar os cuidados com o recém-nascido, ele está demonstrando que sabe o quanto a mulher e a criança precisam que ele dedique parte do seu tempo aos

mesmos, diminuindo assim, o desgaste emocional da mulher, desenvolvendo o vínculo e a prática da paternidade (Silva, *et al.*, 2021).

A chegada de um filho propicia a transição para a parentalidade, que se caracteriza como o agrupamento de diversos aspectos relacionados à realidade psíquica individual dos homens que sofrem alterações no decorrer da gestação e do pós-parto através das trocas estabelecidas entre o pai e a criança. Um período de abundantes transformações, novos sentimentos, aprendizados e ressignificações. A equipe de enfermagem deve fazer desse momento uma oportunidade para o diálogo e promover estratégias que possibilitem aos pais se sentirem mais confiantes, esclarecidos de suas dúvidas, inquietações e aptos para cuidar dos seus filhos (Santos, *et al.*, 2021).

A presença do homem-pai no alojamento conjunto foi destacada como facilitadora para a aproximação entre pai e filho, uma vez que eles puderam estar o tempo todo ao lado do recém-nascido, aprendendo, revezando com as mães as noites mal dormidas. Vivências únicas que marcam e fortalecem os vínculos.

As transformações sinalizadas pelos participantes foram mediadas pela intervenção da equipe de enfermagem que utilizou o ambiente do alojamento conjunto para promover orientações e demonstrações dos cuidados, incluindo o homem-pai nas atividades antes reconhecidas como maternas. Essa atitude da equipe é fundamental para que o pai possa se sentir confiante e seguro no desenvolvimento da paternidade ativa.

Sousa, *et al.*, (2020) sinalizam que, por estarem mais tempo com sua parceira, os pais sentem-se responsáveis diretos pelo cuidado, gerando assim sentimentos como medo pela saúde da mulher e filho, de não atenderem às expectativas e atrapalhar o processo, impotência, ansiedade, apreensão, emoção, preocupação, nervosismo, sentimentos que podem e devem ser amenizados pela equipe de saúde a partir do acolhimento, orientação e apoio ao cuidado.

Os profissionais de saúde, sobretudo a equipe de enfermagem, deve estar apta a estimular a participação do parceiro durante os primeiros momentos de vida do bebê, incluindo-o no cuidado e favorecendo a convivência com a mãe e a criança. A atuação da equipe promove segurança e auxilia na formação do vínculo pai-mãe-filho, refletindo diretamente na experiência do homem como pai (Zaldivar, *et al.*, 2020).

No entanto, na seara das permanências, destacamos comportamentos ultrapassados que não corroboram com um bom acolhimento do homem no cuidado com seu filho no alojamento conjunto, como a centralização das informações na mãe e a invisibilização do homem no cenário do cuidado, ações que precisam ser revistas pela equipe. Habitualmente, as orientações são direcionadas à mãe e os cuidados são ensinados unicamente a ela, mesmo o pai estando ao lado. Essa abordagem pode ser transformada, à medida em que a equipe identifica no homem-pai, um agente ativo nos cuidados com o bebê.

Pesquisa de Oliveira, *et al.*, (2021) mostra que os profissionais de saúde ainda são resistentes no que diz respeito ao direcionamento das orientações de cuidados aos homens, tornando-os coadjuvantes e auxiliares na promoção da saúde do binômio mãe-bebê. Silva, *et al.*, (2021) afirma que uma assistência adequada e a interação com os serviços assistenciais ao parto são cruciais para que se obtenha bons resultados na construção da saúde e destacam que o cuidado diante da atenção pré-natal, perinatal e puerperal, precisa estar centralizado na família e ser direcionado para as necessidades não somente da mulher e de seu filho, mas do casal.

O profissional de saúde deve ter capacitação e sensibilidade para atuar e inserir o homem no pré-natal, parto e pós-parto, estando disposto a refletir de forma contínua, buscando afastar estereótipos que distanciam os homens dos cuidados com a saúde de sua família. O ciclo gravídico puerperal deve ser entendido como evento social que integra a vivência reprodutiva de homens e mulheres (Brandão, *et al.*, 2021).

Nessa perspectiva, Mendes, *et al.*, (2020) afirmam que os profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros, necessitam de qualificação em nível de capacitação continuada, para a busca persistente por soluções práticas e concretas com o objetivo de atuar junto aos pais no contexto que envolve a gravidez, parto e puerpério. Os autores apontam que ainda existem

lacunas na assistência pré-natal, no que se refere às orientações relacionadas a paternidade indicando que o preparo do homem-pai para receber o recém-nascido precisa ser ampliado. A realização de cursos e treinamentos no período gestacional foram levantados como boas estratégias para reduzir as inabilidades paternas.

Embora os homens ainda não percebam o papel do pré-natal para atenção a sua saúde, eles já contestam sua participação como pai do bebê, ou seja, reconhecem esse espaço como uma oportunidade de preparação para a paternidade, sentem a necessidade de estar presentes e se envolverem no planejamento do parto, em atividades em grupo e nas consultas (Silva, *et al.*, 2022).

O vínculo da tríade mãe-pai-filho deve ser iniciado na gestação, através das consultas, orientações e acompanhamento pré-natal, proporcionando inúmeras vantagens para a parceira, para o bebê e para o próprio pai, pois aumenta o vínculo familiar, proporciona segurança, aumenta a autoestima e aprimora o envolvimento nos cuidados com o bebê (Santos, *et al.*, 2022).

Não obstante, vale ressaltar as fragilidades legais no contexto da paternidade ativa. Identificou-se nos depoimentos, indignações quanto a duração da licença paternidade. No Brasil, a licença paternidade assegura cinco dias de afastamento do pai, sem prejuízos financeiros. Se a empresa fizer parte do projeto “empresa cidadã”, esse prazo se estende por 20 dias. Como disse um dos participantes, esse tempo é inferior às necessidades da mulher e a aquisição de saberes e habilidades dos homens.

Este entrave legal é sustentado por princípios patriarcais onde a representação masculina de provedor financeiro faz com que a solicitação da licença paternidade ao empregador relacione-se com a vulnerabilidade por possível impacto financeiro ou a perda do trabalho. Fato que remete a não atribuição do homem como cuidador, ao passo que suas instituições e demais espaços de trabalho não priorizam o momento do nascimento dos (as) filhos (as), nem tampouco lhes asseguram a efetivação dos direitos, enquanto política pública vigente no país (Lima, *et al.*, 2021).

Ações e estratégias são necessárias para promover uma maior adesão do público masculino aos serviços de saúde. A ampliação ou mudança dos horários de atendimento das unidades, possibilitarão que os pais acompanhem suas parceiras nas consultas de pré-natal, cursos e rodas de conversas. Os pais devem ser encorajados a frequentar periodicamente as consultas, sendo orientados quanto ao cuidado com sua saúde, hábitos saudáveis, ações de prevenção, diagnóstico e tratamento das comorbidades. (Santos, *et al.*, 2022).

Outro obstáculo é a Lei do Acompanhante, que embora facilite a permanência do pai como acompanhante, não a garante, pois a mulher pode escolher qualquer pessoa para acompanhá-la, podendo não ser o pai. Ainda vemos avós e sogras, personalidades femininas, como acompanhantes no alojamento conjunto; inclusive durante a captação de elegíveis para pesquisa, enfrentamos dias consecutivos de ausência de pais como acompanhantes.

Outrossim, temos a dimensão de que a informalidade do mercado de trabalho pode afastar o homem do cuidado com o filho, pois trabalhar sem garantias requer, muitas vezes, trabalho sem folgas ou licenças. Não são todos os profissionais autônomos ou informais que possuem uma estabilidade financeira. A maioria depende do trabalho diário para a manutenção dos gastos e custos. Oliveira, *et al.*, (2021) corrobora com essa reflexão considerando a informalidade e as longas jornadas de trabalho, desafios a serem enfrentados.

Atualmente as transformações no papel do homem-pai são atravessadas por permanência, que segundo Trindade, *et al.*, (2019) fazem parte de diversas limitações impostas por padrões e valores culturais inscritos em hábitos enrijecidos, que dificultam, quando não impedem, a promoção de práticas que destoam do socialmente naturalizado como adequado aos gêneros.

5. Conclusão

O homem-pai contemporâneo vive um processo de transformação marcado pelas mudanças no papel da paternidade.

Nesse estudo, essas transformações foram vividas no cotidiano do cuidado diário com o recém-nascido. Dar banho, trocar fralda, pegar no colo, limpar o coto umbilical, auxiliar na amamentação foram aprendizados adquiridos no alojamento conjunto, sob a orientação da equipe de enfermagem.

No entanto, o estudo aponta que ainda existem algumas permanências que dificultam o acolhimento e desenvolvimento de uma paternidade ativa, tais como: o cuidado centralizado na mãe, a invisibilização do pai, a duração insuficiente da licença paternidade, a visão do pai como mero acompanhante, estando vinculado a uma lei que permite, mas não garante que seja ele, a estar ao lado de sua parceira durante a internação no alojamento conjunto.

O estudo encontrou limitações na captação dos homens-pais, uma vez que nem sempre os acompanhantes eram o pai do recém-nascido, bem como a vivência em média de 48 horas no alojamento conjunto pode ter limitado as experiências.

A paternidade vive “transformações” e enquanto houver “permanências” faz-se necessário refletir, discutir e promover mudanças. Nesse sentido, abrimos janelas para novas pesquisas científicas elevem o tema e propaguem a urgência pela equidade de gêneros.

Sugerimos que trabalhos futuros possam discutir a paternidade utilizando a pesquisa de campo com o intuito de dar vez e voz aos homens, tornando-os protagonistas de uma discussão de grande relevância para a quebra de paradigmas no contexto do cuidado masculino, tanto ao recém-nascido, quanto a mulher, durante todo ciclo gravídico puerperal.

Referências

- Alcântara, F. de S. C. P., dos Santos, I. M. M., da Silva, D. B. T., da Silva, C. V., & da Silva, A. P. (2021). The role of father in breastfeeding: challenges for nursing in the rooming-in care / O papel do homem-pai na amamentação: desafios para a enfermagem no alojamento conjunto. *Revista De Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 13, 861–867. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.9571> (Original work published 31° de maio de 2021)
- Brandão, M. L., Costa, I. da, Amarante, A. C. R. M., & Candido, J. A. (2021). Sentimentos paternos, da gestação ao parto: uma revisão narrativa. *Cadernos da Escola de Saúde*, 20(1), 1-16. <https://doi.org/10.25192/issn.1984-7041.v20i15922>
- Dal-Rosso, G. R., Silva, S. O., Pieszak, G. M., Ebling, S. B. D., & Silveira, V. N. (2019). Experiências Narradas por Homens no Exercício da Paternidade: Rompendo Paradigmas. *Revista de Enfermagem UFSM*, 9(3), 1-18. <https://doi.org/10.5902/2179769228653>
- França, A. M. B. de, Filho, J. C., Silva, K. R. B., Oliveira, M. M. de, & Bento, T. M. A. (2021). Saúde do Homem na Atenção Básica: fatores que levam os homens a não procurar a assistência de saúde. *Caderno De Graduação - Ciências Biológicas E Da Saúde - UNIT - ALAGOAS*, 6(3), 191. Recuperado de <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/9260>
- Freitas, C. Silva, Y. Bessa, M. Freitas, R. & Sobreira, M. V. (2021). Envolvimento paterno no período gravídico-puerperal: revisão integrativa da literatura. *Revista de Saúde Pública do Paraná*, 3(2), 179-193. <https://doi.org/10.32811/25954482-2020v3n2p179>
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. *Psicologia Revista*, 28(1), 151–173. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173>
- Melo, M. G. S., Fenner, P. C., Abaid, J. L. W & Kruehl, C. S (2020). Cuidados com o bebê e construção da parentalidade: o pai em foco. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 9 (1), e32911595. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1595>
- Mendes, R. C, Siqueira, H. D. S, Silva, W. C da, Costa Miranda, L. S, Mota, L. da S., Silva, L. N. S, & Silva, C. O da. (2020). A percepção do homem sobre a paternidade durante o período de gestação pós-parto. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 9(1), e136911805. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1805>
- Minayo, M. C. S. (2014). O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec.
- Nascimento, L. D. C. N., Souza, T. V. D., Oliveira, I. C. D. S., Moraes, J. R. M. M. D., Aguiar, R. C. B. D., & Silva, L. F. D. (2018). Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência em entrevista com escolares. *Revista brasileira de enfermagem*, 71, 228-233. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616>
- Oliveira, B. C. L. de., Araújo, A. D. F. de., Maciel, M. R., Klayn, B. P. S. da S., Ribeiro, C. R., & Lemos, A. (2021). Ações de saúde para homens-pais e promoção da paternidade no pré-natal: revisão integrativa. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10(4), e59310414460. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14460>
- Pereira J., Klein C., & Meyer D.E. (2019). PNAISH.: uma análise de sua dimensão educativa na perspectiva de gênero. (2019). *Saúde e Sociedade*, 28 (2),132-46. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170836>
- Santos M. H. de S., Gois L. C. de, Silva S. B. C. B., Ribeiro M. G. S., Rodrigues A. S., Apolinário J. M. dos S. da S., Maslinkiewicz A., Damasceno S. S., Fonseca V. M. N. da, & Varela D. S. S. (2022). A participação do pai no pré-natal e no parto e possíveis contribuições. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 15(9), e10924. <https://doi.org/10.25248/reas.e10924.2022>

- Santos S. da S., Morais R. M., Silveira A. O., Medeiros C. C. & Franzoi M. A. H. (2021) A construção da paternidade ao nascimento do filho a termo e saudável. *REFACS* (online) 9 (Supl.2):767-778. <http://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs>. DOI: 10.18554/refacs.v9i0.4943
- Silva, C. V., Oliveira. T. R., Alcântara. F. de S. C. P., Ciuffo. D. O. & Oliveira. C. S. (2022). Pré-natal do homem em tempos de Covid-19. *Revista Família, Ciclos Vida e Saúde no Contexto Social*. 10(2):187-198. <https://doi.org/10.18554/refacs.v10i2.6174>
- Silva, J. F. T., Sousa, E. O. de, Alves, B. R. M., Ambrósio, L. D. C., Oliveira, I. M. M. de, Berger, A. Z., Martins, V. M. P., Moura, L. C. de, Santos, K. L. S. dos, Barcellos, L. G., Paula, S. L. de, Martins, Y. C., Sousa, Y. F. de, Cardoso, M. Q., & Cunha, M. S. (2021). Benefícios da participação paterna no ciclo gravídico puerperal para a consolidação do trinômio mãe-pai-filho. *Research, Society and Development*, 10(11), e475101119927. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19927>
- Silva, M. C., Bomfim de França, A. M., Pedrosa, A. K., & Rodrigues, A. P. R. A. (2019). A participação do homem/pai no acompanhamento da assistência no período gravídico puerperal. *Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - ALAGOAS*, 5(3), 105. <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/6467>
- Sousa, C. M. F., Silva, M. A. M., Sousa A. J. C., Nour, G. F. A. & Moreira, A. C. A. (2020). Percepção dos pais sobre sua participação no parto e nascimento. *Enfermagem em Foco*; 11(4): 29-34. <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3378/947>
- Trindade, Z., Cortez, M. B., Dornelas, K., & Santos, M. dos. (2019). Pais de primeira viagem: demanda por apoio e visibilidade. *Saúde E Sociedade*, 28(Saúde soc., 2019 28(1)), 250–261. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170892>
- Zaldivar, A. P., Prates, L. A., Perez, R. de V., Gomes, N. da S., & Pilger, C. H. (2020). Couples experiences about the partner's participation in the puerperium. *Research, Society and Development*, 9(7), e913974510. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4510>